

PROCESSO FORMATIVO DO VÍNCULO CONJUGAL NA CONTEMPORANEIDADE

Joice Rodrigues Vasconcelos Rocha

Rebeca Saraiva e Silva Barbosa

Miguel Monteiro de Araújo Junior

Ms. Teresa Gláucia Gurgel Gabriele Costa

(FAMETRO – Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza)

teresa.costa@professor.fametro.com.br

Resumo

A conjugalidade é um fenômeno amplamente investigado por diversos campos do saber, como a Sociologia, Antropologia e Psicologia, refletindo em uma vasta publicação científica dos mais diferentes enfoques e abordagens teóricas. O presente artigo teve como objetivo apresentar reflexões acerca da formação do vínculo conjugal na contemporaneidade, evidenciando as formas de manifestação do conflito entre individualidade e conjugalidade na dinâmica do casal. A partir de uma revisão integrativa, na qual foi realizada uma análise por blocos de subtemas, a saber: vínculo conjugal e paradoxo entre individualidade e conjugalidade, pode-se concluir que o vínculo conjugal na contemporaneidade é construído com base na experiência significativa de satisfação, felicidade e reciprocidade. Os processos conjugais e individuais são articulados de forma conflituosa e não natural.

Palavras-chave: Conjugalidade. Individualidade. Vínculo. Contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

As mudanças sociais repercutem em transformações na vida do indivíduo, refletindo na formação do vínculo conjugal. Na década de 1950/60, este vínculo constituía-se enquanto um ato social, vivenciado através do casamento arranjado pelos pais, com o objetivo da constituição de laços sociais e legitimação do nome da família em sua classe social. Entre 1970 e 1990, a escolha do parceiro não competia mais aos pais e sim ao amantes que, pela paixão, dentre outros critérios, definiam com quem queriam casar. Essas relações eram firmadas através dos laços sociais primeiramente de amizade, conhecimento contínuo um do outro, para em seguida, surgir um relacionamento amoroso (COUTINHO, 2010).

Além das transformações do próprio processo de estabelecimento do vínculo conjugal, a dinâmica relacional também passa por modificações significativas, com repercussões no fortalecimento ou enfraquecimento do próprio vínculo, nos tipos de conflitos e suas formas de resolução. Os ideais do amor romântico tendem a se fragmentar na contemporaneidade e o casamento, que antes era visto como uma “condição natural”, mudou para a perspectiva onde o relacionamento terá durabilidade na proporção da satisfação de ambos (GIDDENS, 2001).

Observa-se outro tipo de construção de amor, o confluyente, um amor ativo que valoriza o direito dos cônjuges de obterem satisfação na relação conjugal, onde ambos constroem os vínculos afetivos numa doação igualitária dos sentimentos ofertados reciprocamente. Tem-se o

prazer sexual como elemento primordial na manutenção do relacionamento. Não há exclusividade sexual, desde que ambos estejam em comum acordo. Uma relação fluida onde o prazer e a satisfação são uma linha tênue da permanência ou ruptura (GIDDENS, 2001).

Conforme Féres-Carneiro (2010), essa mudança de postura dá-se na valorização da singularidade e na liberdade individual, desencadeando o abandono e ruptura hierárquica. Em nome desses valores individuais, houve o acréscimo de divórcios e de recasamentos, assim como o aparecimento de não obrigatoriedade de ter filhos e coabitação como preceito conjugal.

Na conjugalidade contemporânea, o conflito existente é a relação paradoxal do individualismo, na construção do “eu” como primazia, e a constituição do casal na alusão do “nós”. Em uma sociedade onde o enaltecimento do “eu” é referência de liberdade, autonomia e felicidade, a família é considerada importante quando a sua função é de ajudar a evidenciar a constituição desse indivíduo independente, propondo uma contradição, pois ao mesmo tempo que se afirma que os laços são necessários, eles são negados criando tensões internas (FÉRRES-CARNEIRO, 2010). Segundo Alcanta e Calazans (2015), evidencia-se a crise de afetos e mercantilização dos sentimentos que consiste na possibilidade de ruptura da relação conjugal, sem enfrentamento das dificuldades e sem um investimento na relação.

Consoante Bauman (2004), a modernidade líquida perpassa por toda as áreas da vida do indivíduo, definindo suas relações e critérios estabelecidos de laços afetivos criados. Os sentimentos são descartáveis em prol de uma sensação de segurança firmada em si em detrimento do outro. Assim, a sociedade contemporânea enfrenta o contrassenso da fragilidade do laço e o sentimento de insegurança que movem um colidente desejo de tornar o laço intenso e, ao mesmo tempo, de deixá-lo desprendido.

O modo contemporâneo de se vincular amorosamente traz muitas incertezas sobre a continuidade da relação, pois as relações muitas vezes são construídas em cima de uma dinâmica de ganhar sempre e obter o maior grau de satisfação, sendo que muitos casais não estão preparados para administrar os conflitos que surgem em qualquer relação por falta de disposição para escutar, refletir e construir juntos um pensamento compartilhado e o reconhecimento do outro em suas particularidades (RIOS, 2008).

Há um discurso em que o indivíduo tudo pode realizar, movido pelo prazer e desejo. Os casais fogem de compromissos e buscam viver intensamente os relacionamentos convencidos da possibilidade da finitude da relação, assim não deixam de se relacionar e não fecham as portas para outros relacionamentos, trazendo uma sensação de que não estão abrindo mão de nada, mas que estão abertos a todas as possibilidades. Segundo Dela (1992), a satisfação

conjugal seria a comparação entre a expectativa do casamento e seus resultados, fazendo que através deste balanço o casal tenha consciência de como está sua relação conjugal.

Em relação a essa busca pela felicidade, Mezan (2003, p.163) assegura que “na dinâmica da modernidade, opõem-se várias correntes, e uma das mais poderosas tem sido o crescente anseio pela felicidade individual, estreitamente associado à ideia de liberdade para cada um dirigir sua vida no sentido que melhor lhe parecer”.

Assim, o casamento contemporâneo representa uma relação de intensa significação na vida das pessoas, envolvendo alto grau de intimidade e um grande investimento afetivo (FÉRES-CARNEIRO, 1998). No entanto, o que se observa é uma sociedade adoecida, pois o amor ou a falta dele direciona o sujeito para escolhas e determina caminhos que podem promover tanto a saúde mental como o adoecimento psicológico, pois uma relação conjugal saudável ajuda no enfrentamento de dificuldades cotidianas (ALMEIDA, 2014).

Os constantes paradoxos das relações contemporâneas trazem desafios a serem analisados: que elementos fundamentam a construção do vínculo conjugal na contemporaneidade? Como se articulam os processos individuais e conjugais na dinâmica relacional do casal?

Este artigo é produto de uma revisão de literatura acerca da conjugalidade na contemporaneidade. Tal revisão é parte do projeto de pesquisa: “Como vai a família? Sentidos atribuídos à família, conjugalidade e parentalidade”, vinculado ao Programa de Monitoria e Iniciação Científica do curso de graduação em Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior de Fortaleza. Objetivou-se apresentar reflexões acerca da formação do vínculo conjugal na contemporaneidade, evidenciando as formas de manifestação do conflito entre individualidade e conjugalidade. Optou-se por um estudo teórico, de revisão bibliográfica integrativa, utilizando-se como bases de dados a plataforma LILACS.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão integrativa, utilizando-se a base eletrônica de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Foram estabelecidos como critérios de inclusão: artigos completos, escritos na língua portuguesa, publicados em revistas de Psicologia, no período de 10 (dez) anos, com foco na conjugalidade, vínculo e individualidade. Os critérios de exclusão foram artigos escritos em língua estrangeira, que não estivessem dentro do período de 10 (dez) anos, não focalizassem o tema estudado e que foram publicados em revistas que não são de Psicologia.

A classificação bibliográfica ocorreu no período de agosto de 2018, com a seguinte combinação dos descritores: família *and* conjugalidade e conjugalidade *and* individualidade,

obtendo-se 69 artigos. Procedeu-se à leitura dos resumos, seguindo-se uma filtragem dos artigos pelos assuntos pertinentes ao objetivo do estudo, como: casamento, família, conflitos familiares, cônjuges, divórcio, satisfação pessoal, individualidade, sexualidade, terapia de casal, estado conjugal, felicidade e amor. Do total foram excluídos artigos cujos temas não versavam sobre o assunto proposto ou estavam repetidos, totalizando uma amostra final de 18 artigos para análise, os quais foram lidos na íntegra, analisados e apresentados por blocos de subtemas: 1) Conjugalidade, encontrando-se 7 artigos; 2) Vínculo e conjugalidade, obtendo-se 5 artigos e 3) Individualidade, contendo 6 artigos.

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

No subtema conjugalidade, foram obtidos os seguintes achados: Compreensão do amor como uma prática social vivenciada como sentimento; Fatores de história de vida e família de origem, satisfação de vida, conjugal, preconceito e estereótipos negativos influenciam a conjugalidade; Os motivos de discórdia encontrados na conjugalidade referiam-se aos filhos, às experiências nas famílias de origem, às finanças, às diferentes características dos cônjuges, às preferências de cada parceiro e ao tempo para ficar juntos; Os casais demonstraram melhor resultado para bem-estar comparado aos solteiros que não namoram, indicando a conjugalidade como fator de resiliência; a relação conjugal passa a dividir espaço com o maior envolvimento masculino; A infidelidade se origina da insatisfação conjugal e pode ser uma forma de os parceiros fugirem do estresse e de situações conjugais desagradáveis; A conjugalidade saudável resulta de um funcionamento intrapsíquico de cada parceiro associado ao tipo de vínculo de cada um desses, traduzindo-se em modelos intergeracionais um do outro.

Quanto ao subtema vínculo e conjugalidade, constatou-se que: Os vínculos relacionais na formação e dissolução da conjugalidade, podem fomentar sintomatologias diversas e ser fonte de intenso sofrimento; A elaboração do luto é distinta a cada pessoa e na relação conjugal um deve esperar o tempo do outro pra lidar com a perda demonstrando a interface entre aspectos intrapsíquicos, intersubjetivos e geracionais, numa vivência traumática de perda parental, comprometendo também o conjugal; A vinculação na díade é importante para a intimidade e para o investimento na relação amorosa o que está associado à satisfação conjugal; Para se conseguir manter um vínculo saudável, será necessária a capacidade da dupla de compromisso e de olhar para as diferenças, e elaborá-las; Compreender é (re)conhecer a individualidade do parceiro, o que facilita a convivência e ajuda a manter o laço conjugal estável, inclusive mobilizando ao diálogo e a mudança de comportamentos disfuncionais possibilitando o restabelecimento da estabilidade conjugal.

Em relação ao subtema individualidade verificou-se que: Há uma hipervalorização da individualidade e da liberdade pessoal nas relações amorosas; As disfunções possuem relação com o desajuste que se faz da individualidade com a coletividade e, nos relacionamentos em equilíbrio (dinâmico), é investida a mesma quantidade de energia vital na relação e na individualidade; Há um paradoxo entre a conjugalidade e a individualidade, as relações estão mais fragilizadas, no entanto na contemporaneidade existe uma persistência no casamento, assim como na valorização da fidelidade e o desejo de manutenção de relações estáveis na vida amorosa; Valoriza-se muito mais a individualidade, a realização e o sucesso profissional do que a conjugalidade; Quanto maior a busca pela individualidade mais o casamento pode se fragilizar, no entanto, uma conjugalidade muito valorada pode trazer prejuízo nos projetos individuais, devendo existir um equilíbrio entre individualidade e conjugalidade; O “namorado” é uma nova modalidade de relacionamento resultante do individualismo em que os vínculos afetivos são mais fluidos e maleáveis.

Os artigos que versam sobre conjugalidade evidenciam que a forma que os cônjuges se organizam na relação amorosa envolve a dinâmica psíquica, no entanto abrange também a dinâmica familiar, a cultural e a própria avaliação subjetiva dos cônjuges na forma de perceber a relação. As novas configurações de conjugalidade estão relacionadas à maior abertura em relação à afetividade positiva e à vida, no entanto percebe-se uma fragilidade dos laços afetivos. Esse dado pode ser compreendido segundo o enfoque do amor confluyente, proposto por Giddens (2001), o qual ressalta a perspectiva do amor ativo e na satisfação conjugal recíproca, o que atende à característica da afetividade positiva.

Quanto a análise da psicodinâmica conjugal na contemporaneidade, os dados da pesquisa evidenciaram um paradoxo entre a individualidade e a conjugalidade, em que parece que a vivência de um anula o outro, ou seja, os cônjuges não buscam viver um processo de adaptação na relação, mas vivem uma busca desenfreada de apelo ao prazer, justificada pela busca do não sofrimento e da perfeição. Em outras palavras, os casais não estão dispostos a investirem na relação para superarem as dificuldades inerentes a qualquer relação (NEVES, DIAS, PARAVIDINI, 2013). Esse dado encontra retaguarda nos construtos teóricos de anseio pela felicidade individual de Mezan (2003); satisfação conjugal, discutido por Dela (1992) enquanto um balanço de resultados; ênfase na satisfação conjugal em termos de não saber ou querer lidar com perdas e com conflitos (RIOS, 2008) e modernidade líquida e relacionamentos descartáveis proposto por Bauman (2004).

O modo contemporâneo de se vincular amorosamente traz muitas incertezas sobre a continuidade da relação, pois as relações muitas vezes são construídas em cima de uma

dinâmica de ganhar sempre e obter o maior grau de satisfação, sendo que muitos casais não estão preparados para administrar os conflitos que surgem em qualquer relação por falta de disposição para escutar, refletir e construir juntos um pensamento compartilhado e o reconhecimento do outro em suas particularidades (RIOS, 2008).

Na análise dos estilos de vinculação segundo Zanetti, Sei e Colavin (2013), manter um vínculo conjugal na contemporaneidade exige-se um investimento que demanda mais dos parceiros do que antigamente, pois na modernidade líquida, a busca desenfreada pelo prazer tem afetado as relações e percebe-se uma construção frágil desses novos vínculos, em que se deseja um outro fantasioso em pressuposto baseado por desejos individuais e quando o outro não corresponde a esses desejos e frustra as expectativas o comportamento é de logo desfazer a relação e ir em busca de outras relações.

Percebe-se a importância da construção de uma identidade conjugal sólida, o desenvolvimento da alteridade na relação amorosa, o reconhecimento e diferenciação do outro como possibilidade de manter um vínculo saudável, facilitando e tornando a relação mais leve diante dos desafios da vida a dois.

CONCLUSÕES

Na contemporaneidade as relações amorosas estão mais abertas a afetividade e à busca pelo prazer. Os cônjuges querem viver intensamente a relação, tendo como meta a felicidade que deve ser construída com base na experiência significativa de satisfação e reciprocidade.

Esse paradigma hedonista, caracterizado pela busca desenfreada pelo prazer, tem formado laços frágeis, gerando uma sensação de insegurança nas relações que podem ser desfeitas a qualquer momento, sem um investimento no enfrentamento das dificuldades e conflitos inerentes a relação, minimizando-se ou bloqueando os processos de resiliência.

Os processos conjugais e individuais são articulados de forma conflituosa e não natural, o que demanda dos cônjuges ações deliberadas de promoção do equilíbrio dessa dinâmica, a qual está sujeita a um processo avaliativo subjetivo da satisfação conjugal em termos de perdas e ganhos que são ponderados esforço de adaptação, negociação, resiliência e sentido existencial.

Na modernidade líquida, acredita-se que na mesma velocidade que as relações acontecem elas também acabam. Esse comportamento líquido rouba do indivíduo a capacidade de reflexão sobre o discernimento de suas atitudes, assim age-se por impulso, instinto e desejo numa tentativa voraz de não lidar com a dor da perda substituindo um prazer pelo outro freneticamente.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, Patricia Colmenero Moreira de; CALAZANS, Fabíola. **Crise dos afetos: intimidade e cotidiano no cinema e na televisão**. Galáxia (São Paulo), São Paulo , n. 29, p. 195-206, June 2015 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532015000100195&lng=en&nrm=iso>. access on 21 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120057>.
- ALMEIDA, Thiago de. **Processo da escolha conjugal sob a perspectiva da psicanálise vincular**. Pensando fam., Porto Alegre , v. 18, n. 1, p. 3-18, jun. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 set. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.
- COUTINHO, Sabine Mantuan dos Santos; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. **Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure"**. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro , v. 22, n. 2, p. 83-106, 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652010000200007>.
- DELA, Coleta, M.F. (1992) . **Locus de controle e satisfação conjugal**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* . v.8 , n. 2 , p. 243-253 , 1992 . Disponível em : <http://periodicos.unb.br/index.php/revistatp/article/download/20470/14576> Acesso em 30 ago 2018.
- FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. *Psicologia: Reflexão e Crítica* . vol . 11 , n. 2 , p. 379-394 , 1998 . Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 30 ago 2018.
- FÉRES-CARNEIRO, T.; NETO, O. D. **Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais**. *Paidéia*, 20(46), 269-278, 2010.
- GIDDENS, Anthony. **Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Oeiras: Celta Editora, 2001.
- MEZAN, R. 2003 . Adão e sua costela: busca da felicidade e crise atual no casamento. Em Gomes, P.B. (Org.). **Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares**. p. 159-172. São Paulo: Callis. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n2/v14n2a11.pdf> Acesso em: 30 ago 2018.
- NEVES, Anamaria Silva; DIAS, Andrezza Sisoneto Ferreira; PARAVIDINI, João Luiz Leitão. **A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade**. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro , v. 25, n. 2, p. 73-87, jun. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-5665201300020000>
- RIOS, I. C. **O amor nos tempos de Narciso**. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*, vol. 12, n. 25, p. 421-426, abril/junho. 2008.
- ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; SEI, Maíra Bonafé; COLAVIN, João Rafael Pimentel. **Desafios de se manter como um casal na contemporaneidade: contribuições da psicanálise sobre a dinâmica conjugal**. *Vínculo*, São Paulo , v. 10, n. 1, p. 45-54, maio 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902013000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 set. 2018.